

MÉTODO DO MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO: APONTAMENTOS TEÓRICOS E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A EDUCAÇÃO

JOÃO PAULO DANIELI

Doutorando em Educação, pelo PPGE – Campus Cascavel, pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – PR. E-mail: joaopaulojb@gmail.com.

ISABEL CRISTINA NIEDERMAYER

Mestranda em Educação, pelo PPGE – Campus Cascavel, pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – PR. E-mail: isabelniedermayer@gmail.com.

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo apresentar o Método do Materialismo Histórico-dialético, realizando um itinerário desde a compreensão inicial sobre o que é o materialismo, seguindo com a concepção de História e de Trabalho, onde traz a discussão primordial da formação da estrutura da sociedade, que se dá pela produção, materialidade, forjando assim as relações históricas da sociedade. Buscando, na perspectiva do Materialismo Histórico-dialético alguns apontamentos teóricos da esfera educacional sob o viés da ontologia e epistemologia da realidade, esta é refletida por uma prática concreta, pensada na materialidade histórica da vida dos homens em sociedade, permitindo ao sujeito uma atitude de reflexão crítica. A presente pesquisa foi desenvolvida com base documental e bibliográfica, possibilitando a compreensão do método proposto por Karl Marx e da importância da produção do conhecimento em educação, com um enfoque no materialismo histórico-dialético.

Palavras-chave: Método. Materialismo Histórico-dialético. Concepção de História e Trabalho. Educação.

1. INTRODUÇÃO

O Método do Materialismo Histórico-dialético traz à tona, a discussão inicial quais seriam as causas que determinavam as relações e a estrutura social da sociedade. Marx, diante do método, conclui que é pelo modo de produção, da materialidade que se forjam as relações históricas da sociedade.

A concepção de História e Trabalho, são frutos das relações sociais entre homens e a base material, onde o homem e a história sempre estão em constante movimento, sendo “os homens artificies de sua própria história”, como afirma Lenin (2001). A relação do homem com o trabalho, gera no sujeito a capacidade de se realizar como um ser ativo nas relações sociais, e consciente em sua atuação.

Assim, o Método do Materialismo Histórico nos remete ao estudo da história em sua base real, que se verifica na produção social da vida. Dessa maneira, o movimento da História possui uma base material, econômica e segue o movimento dialético. Logo o homem é um ser ativo na história.

Da mesma maneira, o Materialismo Histórico-dialético, traz contribuições na esfera da educação, a luz da dimensão ontológica e epistemológica da realidade, que caracteriza a práxis cotidiana da humanidade, reproduzindo no plano do pensamento a essência da estrutura do conhecimento. Na área da educação, a produção do conhecimento é refletida na prática concreta, pensada e compreendida na materialidade histórica da vida dos “homens” em sociedade.

Por conseguinte, essas reflexões têm por base a pesquisa documental, onde por meio desta permite a compreensão da relevância da análise do Método do Materialismo Histórico-dialético, trilhando um itinerário na concepção de História e Trabalho; e o Método na esfera da educação, onde o processo de construção do conhecimento, é pensado na concretude da materialidade da vida dos sujeitos.

A estrutura desse trabalho está desenvolvida em quatro momentos: o primeiro remete ao entendimento do conceito do que é o Materialismo; no segundo as concepções de História e de Trabalho para Marx; no terceiro, apresentamos o que é e alguns conceitos teóricos do método do materialismo histórico-dialético; por fim, alguns apontamentos e contribuições do método para o fenômeno educativo.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa tem por base, um estudo centrado em fontes secundárias ou bibliográficas, baseando-se nos escritos de LESSA (2013), LENIN (2001), MARX (2008a), MARX e ENGELS (2007), NETTO (2011), entre outros autores que discutem o Materialismo Histórico-dialético, estabelecendo uma correlação com a concepção de trabalho como ato formativo dos sujeitos. As fontes de cunho documental utilizadas ao longo desta pesquisa, têm por finalidade o levantamento e catalogação do método histórico-dialético, trazendo um percurso da produção do conhecimento voltado na esfera educacional; entre outros autores que contribuíram para a presente proposta.

Vale ressaltar que a metodologia utilizada na investigação da produção do conhecimento, tem como base o método do materialismo histórico-dialético, pois este “método de pesquisa [...] propicia o conhecimento teórico, [e] partindo da aparência visa alcançar a essência do objeto”. (NETTO, 2011 p. 22).

Portanto, como exposto acima a metodologia da pesquisa de caráter exploratória mediante pesquisa documental, traz a contribuição de Lukács (c. f. LESSA, 2013), onde o Materialismo Histórico-dialético na dimensão ontológica e epistemológica, trazendo a educação dentro das dimensões teórico/práticas. Sendo que a educação tem por primazia o desvelar no sujeito condições de uma atitude de reflexão crítica, conforme destaca Mizukami (1986).

3. MATERIALISMO

Como o próprio Marx expressa, na nona tese a Feuerbach, é necessário pensar e construir um novo materialismo, não como se tinha antes, mas um materialismo da prática. Ele parte da afirmação, de que é a partir do modo de produção da vida material que vai condicionar a vida social. Dessa maneira, a base material vai explicar a consciência do ser e não o contrário, como pretendia Feuerbach¹ e Hegel².

- 1 Para Feuerbach é a partir dos objetos sensíveis que se compreende o real. O materialismo de Feuerbach, “consiste em que o objeto, a realidade, a sensibilidade, só é aprendido sob a forma de objeto ou de intuição” (MARX e ENGELS, 1979, p. 11). Marx o critica, pois, seu pensamento nega a história do real, que ao invés de ser interpretado a partir do trabalho humano, o homem é formado a partir do seu próprio pensamento.
- 2 Sem dúvida a principal crítica de Marx é para o idealismo de Hegel. Segundo este é a partir da ideia que se compreende a realidade, ou seja, o movimento do pensamento é o criador

O grande questionamento de Marx era quais seriam as causas que determinava a sociedade. Ele tinha clareza que não era a ideia, a razão, como pensava Hegel. E quem poderia responder era a economia política. Assim, a base econômica iria determinar o ser social.

Dessa maneira ele chega à conclusão que o modo de produção, a materialidade é que explica a sociedade. Não são as representações, ou que os homens dizem, imaginam ou pensam, e sim como eles se relacionam com o modo de produzir. Marx parte dos homens realmente ativos com o real.

A produção de ideias, de representações, da consciência, está, de início, diretamente entrelaçada com a atividade material e com o intercâmbio material dos homens, como a linguagem do real. O representar, o pensar, o intercâmbio espiritual dos homens, aparecem aqui como emanção direta de seu comportamento material..., os homens são os produtores de suas representações, de suas ideias etc., mas os homens reais e ativos, tal como acham condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e pelo intercâmbio que a ele corresponde até chegar às suas formações mais amplas. (MARX e ENGELS, 1979, pp. 36-37).

Também na obra a Miséria da Filosofia, Marx reforça esta opção materialista: “Os mesmos homens que estabelecem as relações de acordo com a sua produtividade material produzem também os princípios, as ideias, as categorias, de acordo com as suas relações sociais. Por isso, essas ideias, essas categorias, são tão pouco eternas como as relações que exprime”. (MASSON, 2007, p. 108).

Em defesa desta análise, de que a existência humana se funda do modo social de produção, podemos resumir na obra *Ideologia Alemã*, o que Marx e Engels concluem:

1) A produção dos meios que permitem satisfazer as necessidades humanas é condição básica e indispensável para a existência do homem e de tudo o que ele possa criar; 2) A ação de satisfazer a necessidade inicial e o instrumento utilizado para tal conduzem a novas necessidades; 3) Os homens se reproduzem, o que também dá origem a novas necessidades, dentro de um quadro social; 4) Conseqüentemente,

do real. Dessa forma, quem determina a vida material é a ideia. Segundo o pensamento de Hegel, o ser, o sujeito é apenas uma propriedade do pensar. Assim, podemos afirmar que a consciência é o ser, o sujeito. Temos assim em Hegel um sujeito abstrato da razão/ da ideia/ ou do espírito; e o homem o sujeito produto dessa abstração.

deve-se estudar e elaborar a história dos homens em estrita correlação com a história da indústria e das trocas. (NETO e BEZERRA, 2010, p. 252).

A ideia que querem chegar é que o ser social foi determinado historicamente pelas condições materiais. Logo, as relações sociais vão ser desenvolvidas a partir destas condições e não a partir de abstrações e categorias lógicas como pretendiam os idealistas. Isso ocorreria através do movimento histórico. Há uma inter-relação entre matéria e movimento. “O movimento é o modo de existência da matéria. Nunca e em parte alguma houve nem poderá haver matéria sem movimento [...], matéria sem movimento é impensável do mesmo modo que movimento sem matéria”. (LIMA e NETO apud ENGELS, 2011, p. 298).

Partindo da base, da produção material, como ponto de partida e para compreender as relações sociais, é também o caminho traçado por Marx, para a construir sua concepção de “História”. Pois segundo ele, não há como pensar e entender a materialidade, sem um movimento histórico.

4. CONCEPÇÃO DE HISTÓRIA E DE TRABALHO

A história em Marx está relacionada com o movimento histórico das relações sociais entre os homens e a base material, ou econômica que a envolve. Não é possível compreender as relações sociais, a base material fora da história real, do sujeito enquanto “ser” histórico, enquanto sujeito construtor de sua produção material. Por isso, que Marx e Engels vão fazer suas críticas, a concepção de história que se tinha até aquele momento.

Toda concepção histórica, até o momento, ou tem omitido completamente esta base real da história, ou a tem considerado como algo secundário, sem qualquer conexão com o curso da história. Isto faz com que a história deva sempre ser escrita de acordo com um critério situado fora dela. A produção da vida real aparece como algo separado da vida comum, como algo extra e supraterrrestre. Com isto, a relação dos homens com a natureza é excluída da história. (MARX e ENGELS, 1979, p. 57).

Esta concepção de história em Marx, é desenvolvida a partir dos estudos de Hegel. Ao contrário de Hegel, ele inverte a concepção dialética da história. Para Hegel, tudo o que acontece na história tem um significado temporal e lógico, a partir do pensamento. “O pensamento é o que é ideal

no mundo, o mundo é o que é concreto na Ideia. Pois a Ideia não é estática, mas dinâmica; ela dá origem, por sua própria dinâmica interior, a tudo o que existe” (HEGEL, 2001, p. 14). Assim, se pressupõem que tudo o que existe, ou seja, toda existência é manifestação da Ideia.

A História, para Hegel, é o desenvolvimento do Espírito no Tempo, assim como a Natureza é o desenvolvimento da Ideia no Espaço... Todo o sistema de Hegel é construído em cima da grande tríade: Ideia – Natureza - Espírito. A Ideia em si é o que se desenvolve, a realidade dinâmica do depois - ou antes - do mundo. Sua antítese, Ideia-fora-de-si, ou seja, o Espaço, é a Natureza. A Natureza, depois de passar pelas fases dos reinos mineral e vegetal, se desenvolve no homem, em cuja consciência a Ideia se torna consciente de si. Esta autoconsciência da Ideia é o Espírito, a antítese de Ideia e Natureza, e o desenvolvimento desta consciência é a História... A História torna-se assim um dos grandes movimentos da Ideia, enraíza-se em um fluxo metafísico de alcance universal. É a História universal. (HARTAN, 2001, p. 22).

Segunda a professora Leonel³ (2012), Marx e Engels inverte esta ideia de Hegel, afirmando que “é no início da história dos homens é o início da história dos pensamentos”, ou seja, é a partir da base material que vamos ter as Ideias e os Pensamentos. “Para mim, ao contrário, o ideal não é mais do que o material transporto para a cabeça do ser humano e por ela interpretado”. (MARX, 1982, pag. 16).

Dessa maneira, encontramos assim a concepção da história em Hegel, que a compreende como a dinâmica da ideia, enquanto Marx a vê como a dinâmica do desenvolvimento econômico entre as relações sociais, ou seja, é o movimento da ação do homem em sua realidade.

A história em Marx, é o resultado do que os homens fazem, agem, produzem individualmente e coletivamente. Marx coloca o homem no centro da história, como sujeito histórico. O homem e a história, estão sempre em movimento, e o que prova isso é as relações sociais. Retomando Marx e Engels, citado por Bonfim (2007, p. 124), “a história não faz nada, não possui enorme riqueza, ela não participa de nenhuma luta. Quem faz tudo isso, quem participa das lutas é o homem como meio para realizar seus fins

3 Prof. Dra. Zélia Leonel, aposentada da Universidade Estadual de Maringá – UEM/PR, foi convidada para ministrar uma discussão acerca do método do materialismo histórico de Marx, no dia 27 de junho de 2012, no programa de pós-graduação em Educação da UEM.

– como se tratasse de uma pessoa individual, pois a História não é senão a atividade do homem que persegue seus objetivos”.

Pode-se afirmar que o homem é um ser ativo na história, e não metafísico. Ele é a “parte” que liga, que movimenta a história e é movimentado por ela. Dessa maneira a história é uma construção social desenvolvida por todos os homens. E esta construção acontece a partir do modo de produção dos homens. Já afirmava Lenin (2001, p. 24) “os homens são os artífices da sua própria história”. Mas para que isso aconteça, é precisa primeiramente, como o próprio Marx entende, que os homens precisam e devem ter condições de viver (ter o que comer, beber, onde morar, vestir-se, etc.), para se fazer história. Pois segundo ele o primeiro ato histórico de todo homem é “a produção dos meios que permitem a satisfação destas necessidades, a produção da própria vida material” (MARX e ENGELS, 1979, p. 39), e de sobrevivência. E isso se concretiza através do trabalho, pois se considera que a história da humanidade se constitui através das relações de trabalho.

Como sabemos é através do trabalho que o homem distingue dos animais. Sua primeira atividade de trabalho, o ser humano utiliza-o para sua sobrevivência. Como atividade própria do homem, para suas necessidades biológicas. Sendo assim, o homem precisa satisfazer suas necessidades materiais. E para isso, se utiliza da natureza transformando-a em produtos para suas necessidades. Esse processo só é possível através do trabalho.

Dessa maneira, o trabalho é visto como condição de existência social. Pois o que o homem realiza, transformando a natureza, é apenas uma ação para sua própria sobrevivência. Antes de tudo, o trabalho é um processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele mesmo, o homem se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporeidade, braços, pernas e cabeça, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para a sua própria vida, ou seja, “[...] o homem necessita produzir continuamente sua própria existência. (SAVIANI, 2013, p. 11).

Na realização do trabalho o ser humano se constrói a si mesmo, se realiza como um ser social e consciente. O “trabalho é um ato de pôr consciente e, portanto, pressupõe um conhecimento concreto, ainda que jamais perfeito, de determinadas finalidades e de determinados meios”. (ANTUNES *apud* LUCKÁCS, 2004, p. 07).

Portanto no decorrer da relação do homem com o trabalho, o homem modifica ao mesmo tempo, a si próprio, a natureza e consequentemente a

sua própria natureza. Pois, seu trabalho é uma atividade orientado a um fim, ou seja, produzir valores de uso para si próprio. Ou como Saviani (2013, p. 11) afirma: “Para sobreviver, o homem necessita extrair da natureza, ativa e intencionalmente, os meios de sua sobrevivência. Ao fazer isso, ele inicia o processo de transformação da natureza, criando um mundo humano (o mundo da cultura)”. E cultura é tudo o que o humano produz, assim, tudo é produto do trabalho e do conhecimento humano, inclusive a educação, enquanto ato educativo. Reafirmando o que Saviani (2013, p. 11) defende, que “a educação é um fenômeno próprio dos seres humanos significa afirmar que ela é, ao mesmo tempo, uma exigência do e para o processo de trabalho, bem como é, ela própria, um processo de trabalho”. Pois o homem não nasce sabendo ser homem, não nasce sabendo fazer as coisas, sentir, pensar, agir, avaliar. Para saber isso, é preciso aprender e isso, implica sim o trabalho educativo. (SAVIANI, 2013).

5. O MÉTODO DO MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO

Ao realizar essa abordagem, buscando conceituar as partes (a materialidade, a história e o trabalho em Marx) que integram a totalidade do seu método, cabe-nos agora trazer as definições e o entendimento de Marx sobre o Materialismo Histórico-dialético. Lembrando que, o materialismo histórico “trata-se de remeter o estudo da história à sua base real, parando de ver nela o simples desenvolvimento de princípios abstratos” (REUNAUULT, 2010, p. 42). Pois ele, como já colocado, vai fundamentar a sociedade, a história a partir do real, do concreto, do ser social, como bem expressa Zanela (2008, p. 103), “parece que o correto é começar pelo real e pelo concreto, que são a pressuposição prévia e efetiva; assim, em Economia, por exemplo, começar-se-ia pela população, que é a base e o sujeito do ato social de produção como um todo”.

A partir desse ponto, Marx anuncia sua tese, que constitui o Materialismo-Histórico:

Na produção social da própria vida, os homens contraem relações determinadas, necessárias e independentes de sua vontade, relações de produção estas que correspondem a uma etapa determinada de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. A totalidade destas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta uma superestrutura jurídica, e

à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo em geral de vida social, político e espiritual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência. (MARX, 2008a, p. 47).

Para melhor compreender, Marx parte de dois aspectos da produção social de toda a sociedade, as “forças produtivas” e as “relações de produção”. As forças produtivas seria as condições materiais de qualquer produção. Pois desta produção necessita-se a matéria-prima (a natureza) e instrumentos (adaptados e modificados) para a realização (os meios de produção). Para isso precisamos do homem, como elemento principal e o responsável por fazer a ligação entre a natureza e a técnica e os instrumentos.

Dessa maneira, o desenvolvimento da produção determina quais serão as forças necessárias (os instrumentos, as técnicas, os recursos, a mão-de-obra) para a produção, sempre em decorrente de um mercado existente, com demanda. E disto ocorre as relações de produção, que é as formas pelas quais os homens se organizam para aplicar e executar as atividades produtivas.

As forças produtivas e relações produção se constituem o modo de produção da sociedade. A cada forma de organização das forças produtivas e da relação de produção vai corresponder a determinado modo de produção⁴. Dessa maneira Marx, afirma que as relações sociais, ou seja, os modelos de família, as leis, a religião, a política e os valores são explicados através do modo de produção.

“Em toda época histórica, o modo de produção econômica e de troca predominante, e a organização social que dele necessariamente decorre, formam a base sobre a qual ergue, e a partir da qual pode ser explicada, a história política e intelectual dessa época”. (MARX e ENGELS, 2008b, p. 36).

4 Marx e Engels na obra *A ideologia Alemã* (1979), vão mostrar as três formas de propriedade, ou do modo de produção que as sociedades do Ocidente desenvolveram. A primeira seria a “propriedade tribal” (sociedades primitivas): não seria uma fase desenvolvida de produção, pois neste estágio o povo tem suas necessidades básicas satisfeitas a partir de suas próprias forças, da pesca, da caça, da criação do gado, etc. Na segunda, da “propriedade comunal e estatal” que encontramos na Antiguidade, com a reunião de várias tribos que forma uma cidade, seja ela por contrato ou por conquista, e na qual subsiste a escravidão. Aqui encontramos relações de Senhor e Escravo, e os últimos responsáveis pela produção. Por fim a terceira, como propriedade Feudal ou estamental. Se na antiguidade partida da cidade e de seu pequeno território, as relações sociais da Idade Média, partiam do campo, a classe produtora era os servos.

Assim, fica evidente que na produção social da vida, o homem vai estabelecer relações determinadas, necessárias e involuntárias. A partir disso se forma a infraestrutura econômica (ou seja, a base material que é formada pelas forças produtivas e pelas relações de produção) da sociedade, sobre a qual se constrói uma superestrutura política, jurídica e ideológica (que seriam as leis, o Estado, as artes, a religião a moral, etc.), logo, a infraestrutura determina a superestrutura⁵. Sendo assim, se entende o caráter social e histórico do homem, através da produção social (BONFIM, 2007, p. 125), pois o homem ao tomar conhecimento das contradições, ele pode agir sobre aquilo que o determina.

Marx percebe que em um certo estágio de desenvolvimento as forças produtivas vão entrar em contradição com as relações de produção, é época de revolução social entre os proprietários e não proprietários dos meios de produção, e também a formação de novas formas de forças produtivas. A mudança na base econômica abala toda a enorme superestrutura. Dessa maneira os homens vão se organizar para um novo modo de produção. (MARX, 2008b, p. 47).

Para Bonfim (2007, p. 125). “A evolução de um modo de produção para o outro ocorre a partir do desenvolvimento das forças produtivas e da luta entre as classes sociais⁶ predominantes em cada período. Assim, o movimento da História possui uma base material, econômica e segue um movimento dialético”.

Ou seja, na perspectiva do movimento dialético, o homem vai agir sobre a realidade, num movimento dinâmico de sua ação para poder transformá-la. Isso ocorre, pois ele é envolvido pelas estruturas econômicas, políticas

5 Um exemplo: a moral medieval valorizava a coragem e a ociosidade de uma classe social, a nobreza; o direito nesta época, cuja riqueza era a posse de terras, era ilegal e imoral o empréstimo a juros. Na idade moderna vai-se valorizar a disciplina do trabalho (onde se tiraria a riqueza por parte dos proprietários deste trabalho, que seria a mais-valia, e não mais em terras), a legalização do sistema bancário e a crítica a ociosidade. Dessa maneira a superestrutura (a moral e o direito) passa a ser determinadas pelas alterações da infraestrutura, que seria a passagem econômica do mundo feudal para o capitalismo. (ARANHA E MARTINS, 1988, pp. 273-274).

6 Para Marx a luta entre as classes sociais seria o motor dos acontecimentos. É que ele e Engels iniciam seu *Manifesto do Partido Comunista*, que toda a “história de todas as sociedades que existiram até hoje é a história de luta de classes. Homem livre e escravo, patricio e plebeu, barão e servo, mestres e companheiros, numa palavra, opressores e oprimidos, sempre estiveram em constante oposição uns aos outros, envolvidos numa luta ininterrupta, ora disfarçada, ora aberta, que terminou sempre ou com uma transformação revolucionária de toda a sociedade, ou com o declínio comum das classes em luta”. (MARX e ENGELS, 2008b, pp. 45-46).

e ideológicas de seu contexto. Logo, o homem é um ser ativo na história, podendo mudá-la conforme a partir da influência que ele sofre da estrutura econômica. Como Bonfim (2007, p. 125) afirma, “o homem é o elemento que movimenta a história e movimenta-se com a história”.

A partir dessa concepção materialista, histórica e dialética, o homem aprende a refletir, a se organizar e mudar seu contexto social. A realidade social, ou seja, as relações sociais não são mais vistas como algo imposta ou natural. Ele interage e a muda conscientemente (ou seja, através da consciência de classe), torna-se sujeito de sua própria história, e não determinada por forças externas (base material).

Do que foi exposto, se pergunta, qual a função e a importância do Materialismo Histórico, para compreender a história, o homem e a sociedade? Dessa maneira, parte-se em busca, através das leituras e estudos de estudiosos de Marx, a resposta a tal pergunta.

Marx em nenhum momento pensou em criar método específico. A grande preocupação dele era sim, desenvolver um método investigativo para entender a sociedade, a história e o homem em suas relações. Pois, ele acreditava que o que era posto como “natural”, não era o real. Por isso seu ponto de partida é a vida real, a concretude da vida social. Logo, era preciso entender a economia, a base material da sociedade.

Por isso,

[...] que o método de análise está vinculado a uma concepção de realidade, de mundo e de vida, funciona como mediador no processo de entender a estruturação, o desenvolvimento e a transformação dos fenômenos sociais, dos objetos que investigamos.... Na perspectiva de Marx e Engels, o universo e tudo o que há nele tem existência material, concreta, podendo ser racionalmente conhecido. Nesse sentido, o conhecimento produzido objetivamente pelo sujeito, dever ter como meta a reprodução do real, em suas múltiplas determinações. Mas para que isto seja alcançado é preciso ultrapassar o nível da superfície, da aparência imediata das coisas e atingir a essência. (NETO E BEZERRA, 2010, p. 253).

Isso se confirma, pois, a matéria está e é movimento na história, na realidade. E para ela existir, não se necessita primeiramente, da consciência. Como vamos conhecer algo que não conhecemos, através das ideias ou da nossa consciência? Para os autores, só podemos conhecer algo a partir da matéria, da concretude da realidade. “A matéria, é um dado primário e é a

fonte da consciência. A consciência é um dado secundário, derivado, pois é reflexo da matéria”. (ARANHA E MARTINS, 1988, pp. 273-274).

A ponte (talvez não seja esta a palavra adequada), para termos este conhecimento é em relação ao sujeito que conhece (o pesquisador), e o objeto conhecido. A questão que Marx levanta é para se conhecer o objeto, o pesquisador precisa necessariamente conhecer o objeto como ele é em si mesmo, na sua estrutura, sua dinâmica, seu movimento, sua existência, etc, a partir de sua realidade. Por isso, ele refere-se que não podemos ficar apenas na superfície, no olhar, é preciso atingir a essência das coisas, do objeto.

Marx chega a essa conclusão, pois em suas análises sobre a sociedade burguesa, capitalista, (que podemos nomear como o objeto), o homem (que seria o sujeito) está inserido dentre dela, e a faz a partir das relações de produção. Logo, o homem (sujeito) deveria conhecer seu objeto (a sociedade capitalista), sua estrutura, sua dinâmica, mas isso não acontece. O homem apenas conhece a aparência das relações que o faz com seu objeto, ele não tem o conhecimento da essência do seu objeto, de sua estrutura, de sua dinâmica, e seu desenvolvimento. É preciso vê-lo com um processo de relações, entre sujeito e objeto, e que destas relações se constrói o real, a partir de sua essência e não das abstrações da aparência. Pois das abstrações conhecemos apenas o que nos é posto de imediato. Por isso, é necessário através do método fazer a investigação científica⁷.

Desta síntese, se poder chegar que o sujeito que conhece, deve partir do real e de suas múltiplas relações. Tem-se claro que esta realidade que envolve o sujeito é um tanto complexa, devido as suas múltiplas relações (e de contradições). Para isso, o método do Materialismo Histórico é importante para entender este processo. Pois “nesta relação sujeito – objeto conserva sempre a noção de que o objeto sobre o qual se trabalha é um objeto produzido pelos homens” (que seria a base material que envolve o homem em suas relações sociais através da história) (NETO E BEZERRA, 2010, p. 253), por isso, se pode afirmar que é apenas o homem que pode dar sentido ao objeto.

Marx coloca o homem, e suas relações de produção como o ponto de partida para compreender os fenômenos sociais. A sua concepção era contra

7 Para Marx, a investigação científica não poderia ser a ciência abstrata, ou apenas da interpretação das coisas. Marx parte de um método científico concreto e real.

e também combatia as que vigoravam na sua época⁸. Foi nesta mesma análise que Lenin afirmou que a concepção materialista de Marx, conseguiu eliminar dois defeitos essenciais das teorias históricas anteriores.

Em primeiro lugar, estas últimas consideraram, apenas, na melhor das hipóteses a motivação ideológica da atividade histórica dos homens, sem investigar a origem dessas motivações, sem captar as leis objetivas que presidem ao desenvolvimento do sistema das relações sociais e sem discernir as raízes dessas relações no grau do desenvolvimento da produção material. Em segundo lugar, as teorias anteriores negligenciavam precisamente a ação das “massas” da população, enquanto que o materialismo histórico permite, pela primeira vez, estudar, com a precisão das ciências naturais, as condições sociais da vida das massas e as modificações dessas condições. (LENIN, 2001, p. 23).

Também o professor de economia Claus Germer⁹, segue esta linha de raciocínio.

Com o materialismo histórico, pela primeira vez na história a análise da sociedade humana foi sujeita aos mesmos critérios científicos gerais das ciências naturais, tendo como critério da verdade não as opiniões de personalidades destacadas ou as determinações de supostas potências sobrenaturais em relação a cada momento histórico, mas a análise da realidade material subjacente a cada um destes momentos. (GERMER, 2008, p. 24).

Isso, nos faz afirmar que precisamos partir do real, do concreto, ou seja, da base material, para termos a compreensão de toda a realidade que envolve as condições e as relações sociais. É como o próprio Marx (2009, p. 125) fala na obra *a Miséria da Filosofia*,

As relações sociais estão intimamente ligadas às forças produtivas. Adquirindo novas forças produtivas, os homens

8 A época de Marx foi conhecida pelas grandes conturbações sociais (exploração do trabalho, a enorme desigualdade entre as classes, revoltas, greves, etc.). Neste momento encontramos várias explicações para entender os fenômenos sociais, como o idealismo (de Hegel) e o materialismo (de Feuerbach e Proudhon).

9 Claus Germer é professor do departamento de Economia da Universidade Federal do Paraná. No artigo: *O Capital de Marx como expressão de um método inovador*, o objetivo do economista é desenvolver a hipótese de que o materialismo histórico constitui uma extensão filosófica e metodológica, ao campo das ciências da sociedade.

transformam o seu modo de produção e, ao transformá-lo, alterando a maneira de ganhar a sua vida, eles transformam todas as suas relações sociais. O moinho movido pelo braço humano nos dá a sociedade com o suserano; o moinho a vapor dá-nos a sociedade com o capitalista industrial.

Marx combate a sociedade capitalista, pois seria a sociedade, ou o modo de produção mais desenvolvido que a história tinha conhecido (Marx deixou claro que era as sociedades do Ocidente). E também a única sociedade que pode nos dar as explicações para as condições e relações sociais serem desiguais, contraditórias e complexas. E para se chegar a esta conclusão, o método do materialismo histórico é o ponto de partida. O ponto de partida, que vai fundamentar e compreender a sociedade, os fenômenos sociais, como trabalho e educação, a partir do real, do concreto, do ser social, da materialidade histórica. É o método do materialismo histórico, “[...] enquanto uma postura, ou concepção de mundo; enquanto método que permite uma apreensão radical (que vai à raiz) da realidade e, enquanto práxis, isto é, unidade de teoria e prática na busca da transformação e de novas síntese no plano do conhecimento e no plano da realidade histórica”. (FRIGOTTO, 2001, p. 73).

Por fim, enfatiza-se que essa realidade que envolve o sujeito é um tanto complexa, permeada de mediações e contradições. Por isso, a importância do método do materialismo histórico para entender este processo. Pois nesta relação sujeito – objeto conserva sempre a noção de que o objeto sobre o qual se trabalha é um objeto produzido pelos homens (que seria a base material que envolve o homem em suas relações sociais através da história), por isso, se pode afirmar que é apenas o homem que pode dar sentido ao objeto. Marx coloca o homem, e suas relações de produção como o ponto de partida para compreender os vários fenômenos sociais, inclusive o processo educativo.

6. MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO: CONTRIBUIÇÕES NA ESFERA DA EDUCAÇÃO, A LUZ DA DIMENSÃO ONTOLÓGICA E EPISTEMOLÓGICA DA REALIDADE.

Ao abordarmos a temática das investigações no viés científico a luz da análise do Materialismo Histórico-dialético, parte-se da premissa central da importância em compreender, analisar e explicar os objetos e os fenômenos

em questão, como o são na práxis. Para o Netto (2011), a questão fundante da análise dos fenômenos e objetos, é a dimensão epistemológica dos saberes científicos, o que permite a sociedade conceber a realidade natural e social. Interligada a dimensão epistemológica, a ontologia, onde para Lukács (cf. Lessa 2013), a dimensão ontológica significa que todo ser (inorgânico, orgânico e social) tem caráter de complexo, o que significa que, o campo das determinações é infinito. Dada a complexidade do ser, as categorias só podem ser compreendidas exclusivamente a partir da totalidade, que está ontologicamente fundada no real, material, portanto, essencialmente histórica.

Portanto, as características fundamentais na perspectiva da dimensão epistemológica e ontológica do objeto e dos fenômenos, permite compreender conforme assinalado por Marx e Engels (2007), Lukács (1967) e Pinto (1979): que primeiramente tanto objeto como fenômeno concebidos na práxis, possui objetividade, e ambos os elementos realizam um movimento dialético na sociedade por meio de uma dinâmica interna, compreendida por meio da investigação científica.

A forma de compreender o conhecimento, não deve estar pautado de maneira utilitarista, principalmente quando o ser humano compreende o saber somente para “resolução de problemas imediatos”. O senso comum, a mera observação dos fenômenos, segundo Koche (2011) devem ser substituídos por uma abordagem racional investigativa, de maneira sistemática, metódica e crítica, a fim de compreender o mundo e seus fenômenos.

O conhecimento científico, tem por objetivo desvelar a trama das relações da humanidade, onde neste movimento são produzidos o conhecimento real. Em suma o conhecimento é a síntese do produto do trabalho dos sujeitos, situados em um período histórico da humanidade.

Há de se considerar a relevância da investigação científica a luz do método histórico-dialético na esfera da educação, onde a prática científica tem por base a teoria, ou seja, conforme afirma Marx e Engels (2007), é o entendimento da reprodução do ideal (pensamento) das categorias dos objetos e fenômenos estudados na práxis em seu movimento real. A dialética apresentada por Marx, exprime a busca do real significado na performance da atuação histórica dos sujeitos. Assim, reafirmamos o que já foi exposto:

O fato, portanto, é o seguinte: indivíduos determinados que como produtores atuam de modo também determinado, estabelecem entre si relações sociais e políticas determinadas. É preciso que em cada caso particular a observação

empírica coloque necessariamente em relevo empiricamente e sem qualquer especulação ou mistificação a conexão entre a estrutura social e política e a produção [...] A produção de ideias, de representações da consciência está, de início, diretamente entrelaçada à atividade material e com o intercâmbio material [...] Os homens são os produtores de suas representações, de suas ideias etc., mas os homens reais e ativos, tal como se acham condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e pelo intercâmbio que a ele corresponde chegar às suas formações mais amplas. A consciência jamais pôde ser outra do que o ser consciente, e o ser dos homens é o seu processo de vida real. (MARX e ENGELS, 1986, s/p).

Essa concepção tem como base as categorias da totalidade, contradição, conflitos, mediação, ideologia, práxis, etc. Desta forma, Marx e Engels (2007) afirmam que não é a consciência a essência, mas sim o concreto das relações.

Pode-se compreender conforme Netto (2011) que o conhecimento teórico se dá pela apreensão do conhecimento do objeto em questão, do movimento do real produzido por mediação do abstrato (pensamento), o que remete a concepção ontológica do saber.

Portanto, a compressão do movimento real do objeto e do fenômeno investigado, não ocorre de forma imediatista. Existe todo um processo a saber, onde o conhecimento para o materialismo histórico-dialético considera conforme Marx (2008a), um caminho de investigação. Este caminho de investigação desvela a necessidade de superação do nível empírico para o real, e isto só é possível mediante análise e abstração do pensamento por parte do investigador.

Para o materialismo histórico-dialético, passar do abstrato para a esfera do nível concreto, é ter a capacidade de interpretar o movimento dialético dos inúmeros elementos que constituem a totalidade do fenômeno ou objeto. É um constante ir e voltar da totalidade às particularidades do objeto em estudo e vice e versa.

Assim, podemos reforçar a importância da categoria da totalidade para contribuir para compreendermos os fenômenos educativos. Ela é a primeira expressa por Marx no Método da Economia Política, em que se parte do real, do concreto, dando a visão de totalidade, implicando numa concepção de realidade enquanto um todo (que é composto pelas partes) em processo dinâmico de estruturação, em que há a articulação entre o todo e as partes, as partes e o todo. Ou seja, para entender os fenômenos educativos locais,

específicos, como por exemplo a função da escola, é preciso ter compreensão de qual escola estamos falando e ainda, quais são os aspectos econômicos, culturais e sociais que a influenciam, bem como são as questões ideológicas e políticas nacionais e mundiais que a moldam.

Outra categoria que podemos analisar os fenômenos educativos, a luz do método do Materialismo Histórico, é a contradição. A contradição é a base metodológica do movimento dialético na história. Para reconhecer o real concreto a partir do movimento dialético e histórico, precisamos descobrir as contradições inerentes da educação, bem como da sociedade, ou seja, na sua totalidade. Para isso, necessitamos fazer a articulação entre as contradições que envolvem o todo, do fenômeno educativo. Ou seja, para entendermos um fenômeno educativo específico, como por exemplo, as políticas curriculares, será preciso entender as contradições que a própria sociedade produz, a partir dos aspectos econômicos, culturais, pedagógicos e ideológicos, daquele momento. Não é possível compreender as políticas curriculares isoladas desses aspectos, elas são influenciadas e estão inerentes na própria relação social. Por isso a importância do método, pois não se pode trabalhar os objetos investigados isolados de sua realidade, mais ainda se tratando do fenômeno educativo.

Ainda sobre a importância do Materialismo Histórico-dialético para compreender os fenômenos educativos, Pires (1997, p. 88), nos apresenta que a grande contribuição do método para os educadores, diz respeito,

[...] à necessidade lógica de *descobrir*, nos fenômenos, a categoria mais simples (o empírico) para chegar à categoria síntese de múltiplas determinações (concreto pensado). Isto significa dizer que a análise do fenômeno educacional em estudo pode ser empreendida quando conseguimos *descobrir* sua mais simples manifestação para que, ao nos debruçarmos sobre ela, elaborando abstrações, possamos compreender plenamente o fenômeno observado. Assim pode, por exemplo, um determinado processo educativo ser compreendido a partir das reflexões empreendidas sobre as relações cotidianas entre professores e alunos na sala de aula. Quanto mais abstrações (teoria) pudermos pensar sobre esta categoria simples, empírica (relação professor/aluno), mais próximo estaremos da compreensão plena do processo educacional em questão.

Tendo esses esclarecimentos sobre o método e a educação, ainda enfatizamos a ideia de que o materialismo é o pressuposto básico de onde se parte para explicar as relações sociais, e, a educação também está inserida nesse

contexto histórico-social. É a partir da condição material em que vivem os homens, o ponto de partida para entender as relações tanto, material quanto cultural, inclusive a educação. Ou seja, a educação dentro materialismo-histórico, parte do ser social, da realidade, do homem material e concreto.

Sabe-se que a educação tem a função de socialização do conhecimento histórico acumulado ao longo da história e a formação do “ser humano”, para a vida em sociedade, uma função do trabalho educativo. Como bem expressa Saviani (2013, p. 13):

[...] o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim o objeto de educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos [...].

Mas, mais do que isso, a função e o objeto da educação, não pode se restringir a apenas uma transmissão e assimilação de conteúdo. Ela precisa ser transformadora, uma práxis educativa que supera as contradições de uma sociedade dividida em classe, da divisão social do trabalho e as contradições inerentes dessa própria sociedade capitalista. É preciso uma educação que leve a uma ação crítica, reflexiva, transformadora e consciente.

Segundo Mizukami (1986, p. 94), “é preciso que se faça, pois desta tomada de consciência, o objetivo primeiro de toda a educação: provocar e criar condições para que se desenvolva a uma atitude de reflexão crítica, comprometida com a ação”. E autora continua, que ao tratar dessa abordagem, assim define que [...] toda ação educativa, para que seja válida, deve necessariamente, ser precedida tanto de uma reflexão sobre o homem como de uma análise do meio de vida desse homem concreto, a quem se quer ajudar para que se eduque. O homem se torna, nesta abordagem, o sujeito da educação. (MIZUKAMI, 1986, p. 94).

O método do Materialismo Histórico, pode ser um instrumento para compreender os fenômenos educativos, onde se parte da realidade da educação, da escola. Como compreender as contradições da educação, como: desigualdade educacional, analfabetismo, evasão escolar, falta de investimentos, entre tantos outros, se não a partir da própria realidade material da sociedade e da educação? Por isso, a educação dentro dessa concepção, precisa ser uma ação prática, ou melhor, uma práxis transformadora, emancipadora e libertadora, como dizia Paulo Freire.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta pesquisa, buscou-se desvelar as contribuições do método do Materialismo Histórico-dialético no processo formativo dos sujeitos, sendo perpassadas pela concepção de História, Trabalho e Educação, elementos fundamentais que tecem as relações sociais dos sujeitos e que no mesmo se constituem como ser atuante da sua própria história. Para compreender o sujeito, se faz necessário entendê-lo em sua totalidade, e para tal existem elementos metodológicos fundamentais que nos permitem realizar esse processo de compreensão: abordagem genética e a crítica radical das metodologias que deduzem o real a partir de conceitos teórico-sistemáticos. Em suma a primeira abordagem entende o ser em sua totalidade dentro de um período histórico, e a segunda, ocupa-se em se opor na recusa lógica a origem histórico social das categorias de hierarquização delas.

A dialética é o movimento contínuo, que possibilita conhecer e abrir novos caminhos de conhecer o desconhecido diante do que já foi desvelado, por meio de investigações, questionamentos e conclusões, em um movimento de ir e vir constante. A dialética apresentada por Marx, exprime a busca do real significado na performance da atuação histórica dos sujeitos.

Portanto, a busca pela compreensão da produção do conhecimento diante da materialidade dialética entre sujeito e suas relações históricas-sociais não é neutro, mas implica em inúmeras rupturas, no intuito de se aproximar da verdade, no objeto ou fenômeno em si analisado. Este movimento de análise na esfera da educação permite que o conhecimento seja constantemente revisitado, assinalando aquilo que primordial daquilo que é secundário, realizado uma postura de criticidade, mediante o surgimento de inúmeros modos de pluralismo formal.

8. REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo (org.). **A dialética do trabalho**: escritos de Marx e Engels. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

ARANHA, Maria L. A. MARTINS, Maria H. P. **Filosofando**: introdução á filosofia. São Paulo: Moderna, 1988.

BONFIM, Claudia R. de S. **Leitura histórica da educação e materialismo histórico-dialético**. Revista on-line HISTEDBR, Campinas, set. 2007.

FRIGOTTO, G. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In: **Metodologia da pesquisa educacional**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GERMER, Claus. **O Capital de Marx como expressão de um método inovador**. Revista de Economia, Curitiba: Editora UFPR, 2008, Vol. 34.

HARTAN, Robert S. Introdução. In: HEGEL, Georg W. F. **A Razão na história: uma introdução geral à filosofia da história**. 2ª Ed. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2001.

HEGEL, Georg W. F. **A Razão na história: uma introdução geral à filosofia da história**. 2ª Ed. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2001.

LENIN, Vladimir. **As três fontes**. 1ª edição. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

LEONEL, Zélia. **O método do materialismo histórico-dialético de Marx**. Palestra proferida no dia 27 de junho de 2012, na Universidade Estadual de Maringá – UEM/PR, 2012.

LESSA, Sergio. **O método e seu fundamento ontológico**, IN: Conhecimento e sociedade: ensaios marxistas. Organizadores – Carlos Montanhão, Rogério Lustosa Bastos; revisão Lia Urbini – 1ª ed – São Paulo: outras expressões, 2013, p 29 a 56.

LIMA, E. N., NETO, L. B. **Educação e trabalho: é possível uma leitura marxista sobre os discursos e práticas educacionais no campo?** Revista on-line HISTEDBR, Campinas, abr. 2011

LUKÁCS, G. **Existencialismo ou marxismo**. São Paulo: Senzala LTDA, 1967.

KOCHE, José Carlos. **Fundamentos da metodologia científica: teoria da ciência e iniciação a pesquisa**. Petrópolis, RJ. Vozes, 2011

MARX, Karl. **Contribuição á crítica da economia política**. 2ª edição. São Paulo: Expressão Popular, 2008a.

MARX, Karl. **Ideologia alemã** (Feuerbach). 2ª edição. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômicos filosóficos**. São Paulo-SP: Martin Claret, 2001.

MARX, Karl. **Miséria da Filosofia**: resposta á filosofia da miséria, do Sr. Proudhon. 1ª edição. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. 8ª Ed. São Paulo: DIFEL, 1982. Vol. 01 (Pós-fácio da 2ª edição).

MARX, Karl. ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. 2ª edição. São Paulo: Martin Claret, 2008b.

MASSON, Gisele. **Materialismo Histórico e Dialético**: uma discussão sobre as categorias centrais. Revista Práxis Educativa, Vol. 02, nº 02, jul-dez., Ponta Grossa, 2007.

MIZUKAMI, Maria da G. N. ENSINO: **as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986.

NETO, L. B., BEZERRA, M. C. dos S. **A importância do materialismo histórico na formação do educador do campo**. Revista on-line HISTEDBR, Campinas, ago. 2010.

NETTO, Jose P. **Introdução ao estudo do método de Marx**. 1ª edição. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

PINTO, A. V. **Ciência e existência: problemas filosóficos da pesquisa científica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

PIRES, Marília Freitas de Campos. **O materialismo histórico-dialético e a Educação**. Interface - Comunicação, Saúde, Educação. UNESP, v. 1, n. 1, p. 83-94, 1997. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/30353>.

RENAULT, Emmanuel. **Vocabulário de Karl Marx**. Trád. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica**. 11^a ed. Revista. Campinas, SP: Autores Associados, 2013

ZANELLA, José L. A educação escolar do campo à luz do Materialismo Histórico. In: ALMEIDA, ANTONIO e ZANELLA (orgs). **Educação do Campo**: um projeto de formação de educadores em debate. Cascavel, PR: UNIOESTE, 2008.